



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**TAFNER DE ASSIS ARAUJO SILVA**

**A DANÇA E AS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO  
BIBLIOGRÁFICO**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2018**

**TAFNER DE ASSIS ARAUJO SILVA**

**A DANÇA E AS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO  
BIBLIOGRÁFICO**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Tafner de Assis Araujo.  
A dança e as crianças com síndrome de down [manuscrito]  
: um estudo bibliográfico / Tafner de Assis Araujo Silva. - 2018.  
28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Dóris Nóbrega de Andrade Laurentino, Departamento de Educação Física - CCBS."

1. Educação Física. 2. Dança. 3. Síndrome de down.

21. ed. CDD 792.62

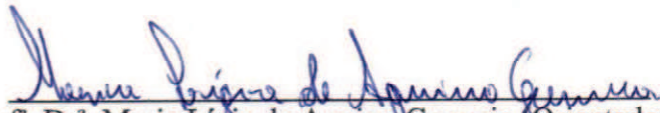
CAMILA DEODÔNIO DE QUEIRÓS

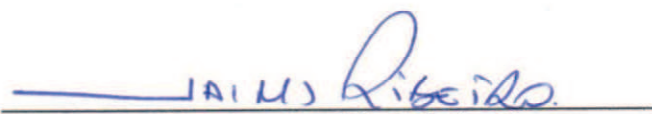
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO OPERATIVO COM ADOLESCENTES EM  
CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE LIBERDADE ASSISTIDA

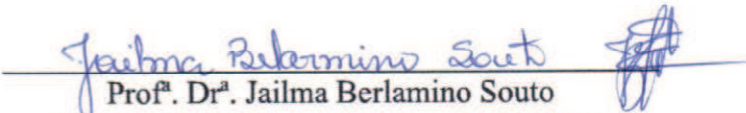
Artigo apresentado como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em Psicologia  
da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em: 13/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Lígia de Aquino Gouveia (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Jaims Franklin Ribeiro Soares  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Jailma Berlamino Souto  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico inteiramente a minha família: ao meu pai Francisco, a minha mãe Ana Lúcia, as minhas irmãs Taisa e Tamires, e aos meus sobrinhos Maria e João, os quais amo incondicionalmente.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, por todo encorajamento e força para seguir o melhor caminho.

A minha família, que sempre me incentivou a continuar, e sonharam junto comigo sobre esse grande dia.

A minha namorada, que sempre esteve ao meu lado me apoiando.

A minha professora Dóris Nóbrega, por aceitar o desafio de me orientar.

Aos professores do Curso de Educação Física da UEPB, que durante os quatro anos de curso, contribuíram para o meu aprendizado e desenvolvimento pessoal.

Aos funcionários por todo o cuidado com nosso ambiente de estudos.

Aos colegas de classe por todo carinho e atenção.

“O coração de um professor de Educação Física é o amor incondicional pelo diferente... transformar, eis a questão...”.

Olinda Gremski Padilha

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>A DANÇA PARA CRIANÇAS PORTADORAS DE SÍNDROME DE DOWN.....</b>	<b>09</b>
2.1	O surgimento da dança.....	09
2.2	Benefícios da dança.....	12
<b>3</b>	<b>A DANÇA E AS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.....</b>	<b>14</b>
3.1	Desafios do trabalho com a dança.....	14
3.2	Mecanismos facilitadores para o ensino da dança.....	16
3.3	Aproximação do tema em algumas pesquisas.....	18
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>



## A DANÇA E AS CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

SILVA, Tafner de Assis Araújo\*

### RESUMO

As questões norteadoras desse estudo foram: Como são desenvolvidas as aulas de dança para crianças portadoras de Síndrome de Down? Quais procedimentos didáticos e os materiais utilizados nessas aulas e de que forma podem fortalecer a sua inclusão social? Como as aulas de dança podem contribuir para uma aprendizagem significativa? Nesse sentido, foi realizado um estudo bibliográfico, no intuito de identificar e analisar a produção acadêmica que versa sobre o processo pedagógico do ensino da dança para crianças portadoras da Síndrome de Down. Concluiu-se que os métodos de ensino e cuidados com as crianças portadoras da Síndrome de Down, durante as aulas de dança serão de grande importância para o seu desenvolvimento humano, social e cognitivo, além disso, o professor deve estar devidamente capacitado para planejar e realizar intervenções pedagógicas, mediadas com base nas características, limites e potencialidades dos portadores de Síndrome de Down.

**Palavras-Chave:** Educação Física. Dança. Síndrome de Down.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo identificar e analisar a produção acadêmica que versa sobre o processo pedagógico do ensino da dança para crianças portadoras da Síndrome de Down. A escolha do tema se deu visto que é de suma importância o entendimento do trato do processo pedagógico, com ênfase no desenvolvimento biopsicossocial, psicomotor, cognitivo e cultural da criança portadora de Síndrome de Down, necessitando-se de profissionais qualificados, que apresentem um forte engajamento na busca do desenvolvimento de uma maneira global, de habilidades presentes nessas crianças, buscando-se a sua autonomia e a sua valorização.

---

\*Aluno de Graduação em Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email: tafneraraujo@hotmail.com

A dança para crianças portadoras de Síndrome de Down (SD) é um conteúdo que quando feita continuamente e de forma adequada, pode amenizar a dificuldade que possuem em se tornar independentes na sociedade. Além disso, pode auxiliar na melhoria da sua coordenação motora, entre outras funções psicomotoras.

A modalidade dança, está presente desde os tempos mais remotos, segundo pesquisadores. Mas não como algo elaborado e sim com uma expressão rítmica. Assim, podemos dizer que o ritmo é um antigo movimento presente na vida e que incide sobre os músculos do corpo humano. De acordo com Tavares (2005, p.93) “Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver!”.

Sabendo que a dança é um conteúdo da Educação Física, é pertinente dizer que ela pode ser usada de forma pedagógica para o desenvolvimento dessas crianças. Elas terão o estímulo motor e psicomotor mais aprimorados com as aulas. Assim, a ação do professor em despertar e orientar o aluno para a cultura corporal, de maneira a sentir-se desafiada, crie, construa, desenvolva a sua autonomia e criticidade são basilares para resultados significativos na aprendizagem dos seus alunos. Não aquele ensino, que vem do comando do que deve ser feito, que imprime um modelo que se antecipa autoritariamente, definindo qual gesto é harmonioso, para a justeza do movimento, como afirma Barnabé (2001).

A dança para crianças com SD é um dos campos de estudo importante para discussão no contexto da formação e qualificação dos professores, e, em especial, os professores de Educação Física. O estudo justifica-se pelo interesse de entender o processo de ensino e de aprendizagem e contribuições das aulas de dança para o desenvolvimento dessas crianças. Visto que o trabalho, com as crianças dita como “especiais”, deve ser algo consistente para que os resultados positivos sejam ampliados cada vez mais. Segundo Zausmer (1998), o auxílio precoce a uma criança com SD é essencial para desenvolver os interesses e habilidades necessários para a realização de uma variedade de atividades físicas e recreacionais, como dançar acompanhando ritmos com o movimento. A dança pode auxiliar em movimentos básicos para a criança, como pular e saltitar, ou se colocados em formas mais competitivas, a dança pode enriquecer muito a vida desses indivíduos, assim tornando suas habilidades corporais o meio mais valioso de competição.

Contudo, o entendimento no presente estudo é de que a dança não seja tratada meramente como movimentos reprodutivos e apenas como gestos técnicos, mas que possibilite a construção e a criação de manifestações rítmicas e expressivas, de forma espontânea, que contribuam através dessa prática corporal, o desenvolvimento integral do aluno; desta feita, buscando potencializar a criatividade, criticidade e autonomia, contribuindo assim para a sua inclusão social.

A metodologia utilizada nessa pesquisa pautou-se em um estudo bibliográfico. Toda e qualquer classificação é realizada mediante algum critério. Então, com relação às pesquisas, é

comum a classificação com base em seus objetivos gerais. Para Vianna (2001), é possível classificá-las em três grandes grupos: pesquisa descritiva, pesquisa exploratória e pesquisa explicativa. Em nosso estudo, realizou-se uma pesquisa exploratória. Nela, segundo Barros e Lehfeld, (2007) realiza-se o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador.

A fundamentação teórica está organizada em duas partes. Na primeira será abordada a prática da dança para crianças portadoras da Síndrome de Down, em que será enfatizado o surgimento dessa modalidade e sua estruturação na educação física. Isso associando ao momento em que a mesma começou a ser aplicada as crianças “especiais”; sem esquecer de analisar os benefícios causados por ela. Além de mencionar como se é dada esta prática para aqueles com Down.

Na segunda os processos pedagógicos de ensino que se dá a premissa de como são ministradas as aulas de dança para as crianças em questão e quais os procedimentos e materiais utilizados nessa prática pedagógica que ajudará no seu desenvolvimento. Portanto, será também levado em consideração o ensino abordado para se ter um maior entendimento sobre a importância de difusão desta prática.

## **2. A DANÇA PARA CRIANÇAS PORTADORAS DE SÍNDROME DE DOWN**

### **2.1 O surgimento da dança**

O dicionário de Língua Portuguesa, Ferreira (2009), define dança da seguinte forma: “executar; mover o corpo de modo cadenciado; saltar; girar; não estar firme; ser volúvel”. A linguagem gestual diretamente ligada às marcações rítmicas da música passa a ser denominado: Dança (RIBAS, 1959).

Na dança o corpo torna-se meio de interação do indivíduo com o mundo, facilitando o desenvolvimento da consciência corporal e das possibilidades de comunicação com o outro (GODOY *et al.*,2005).

Diniz (2013) exprime afirmações sobre a dança, que são pertinentes a serem expostas nesse artigo. Ela explana que antes do homem se exprimir através de uma linguagem oral, ele dançou. Essa seria, então, uma expressão do homem através da linguagem gestual. Sendo a primeira manifestação de comunicação que esteve presente em todo processo de civilização, acompanhando a evolução social. Portanto, a expressão de movimentos e de sentimentos

continuará existindo se houver compreensão histórica da arte mais complexa e antiga do mundo.

Buscando informações aprofundadas sobre a história da dança e seu status atual, nota-se uma escassez na pesquisa bibliográfica nessa área, que dificultam o cumprimento das exigências propostas pela pesquisa. Mas o encontrado demonstra que desde os tempos mais primitivos a dança já se fazia presente e é uma forte produtora de cultura, até os dias atuais.

Aparece registrada nos mais antigos testemunhos gráficos da pré-história, documentos que datam da última época glacial, dez a quinze anos antes da nossa era e podem ser observados nas cavernas pré-históricas do Levante Espanhol – Alpera (Valencia) e Cogull (Lérida) – e são semelhantes a outros documentos pré-históricos relativos à Dança encontrados na África do Sul (Rodésia e Orange) e na França (Solutrais e Dourdogne). Pinturas rupestres levam-nos a crer que o homem primitivo executava danças coletivas nas quais predominavam os movimentos convulsivos e desordenados [...] (RIBAS, 1959, p.26). No Egito havia Danças sacras em homenagem a ÁPIS, o “touro sagrado”, diante de HATHOR a deusa da dança e da música (ELLMERICH, 1964). Quando o homem passa ao estado sociável, saindo do primitivo surge a organização do trabalho para a sobrevivência comum, e esse trabalho é a caça, a trituração de raízes, a pesca, coleta de sementes e frutos, etc. Nisso, sabe-se que registros ratificam que muitos desses trabalhos eram realizados com marcações rítmicas, como pancadas ou gritos.

Os Hebreus, muito provavelmente, inspirados nas danças egípcias também expuseram práticas rítmicas, que seriam Danças próprias. Além disso, temos relatos dessa modalidade, no Velho e no Novo Testamento que descrevem essa atividade nos diversos textos bíblicos. Essas danças religiosas eram executadas nos próprios templos ou em outros lugares, mas para uma entidade superior como o “Senhor”, citado nos textos bíblicos. Ao se defrontar com o cenário Grego, observa-se nos textos referentes a falas de filósofos, como Platão e Sócrates que a Dança passa a ser considerada uma atividade que formava o cidadão por completo.

A arqueologia, maravilhosa ciência que tanto esclareceu e continua a esclarecer sobre o nosso passado próximo ou longínquo, ao traduzir a escrita de povos hoje desaparecidos, não deixa de indicar a existência da dança como parte integrante de cerimônias religiosas, parecendo correto afirmar-se que a dança nasceu da religião, se é que não nasceu junto com ela (FARO, 1986, p.13).

A história relata que também havia dança entre os Etruscos e os Romanos. No entanto, entre os Etruscos só se observa a Dança através de representações, pois não há até, hoje, conhecimento de textos completos. Esse povo recebeu forte influência dos gregos desde o

século VII a.C, onde os poucos indícios disponíveis, dizem que a dança existente era de carácter guerreiro, dionisiacas, de Banquete, entre outras. Já entre os Romanos, a dança parecia ter um sentido mais claro e específico: tudo girava entorno de Reis, República e Império. No entanto, Roma foi dominada pelos Etruscos, então ocorreram algumas mudanças e fundições entre as culturas e mais especificamente no Baixo Império, a Dança foi envolvida na corrupção do modo de vida romana, onde a igreja difundia a condenação de todas as artes.

Os padres da Igreja Santo Agostinho entre eles condenara a dança, denominando-a de negócio de diabo (WISSMANN, 2008). Além desta maldição circunstancial, a contaminação do pensamento bíblico pelo dualismo grego que levou São Paulo a opor o espírito aos sentimentos e a desprezar o corpo: o bem, no homem, só está na alma, e todo o mal vem da carne. Essa perversão dualista do cristianismo trouxe como consequências a consideração do corpo como obstáculo a vida da alma e a orientação da vida para outro mundo, com a negação da carne, que deve ser ignorada, punida, e modificada (WISSMANN, 2008).

É apenas no Renascimento que a Dança volta a florescer, quando o dualismo cristão recebe uma nova atitude, e os valores mundanos da vida e do corpo foram novamente exaltados. Assim, as artes que estavam a serviço da igreja, tornaram-se símbolo de riqueza e poder. Durante vários séculos, a Dança era apanágio do sexo masculino, e só muito mais tarde as mulheres passaram a participar ativamente das danças folclóricas. Na segunda parte da Idade Média surge o mestre de danças que acompanha seus senhores, os nobres, e tem muitas vezes cargo de confiança. Aos poucos se converte em professor de boas maneiras e desde então, a Dança faz parte da educação (FARO, 1986).

A Dança, portanto, passou por grandes transformações. Essa aos poucos foi tomando seu lugar e se caracterizando a partir de suas necessidades. Assim, segundo Michaut (1978), Beauchamp inventou um sistema de escrita coreográfica a fim de anotar a sua dança por sinais. Sua obra inédita perdeu-se e se não foi a partir dela, foi pelo menos de acordo com seu aluno Pécourt que Feuillet estabeleceu a sua coreografia: a primeira gramática, e o primeiro código da dança francesa, que mais tarde virariam base para se ensinar e aprender qualquer outra Dança.

Depois de levantar toda uma trajetória percorrida pela dança nas civilizações do mundo, é pertinente apresentá-la no contexto do Brasil. Segundo Ribas (1959) a dança é uma coordenação estética de movimentos corporais, considerada ainda, como uma expressão rítmico-musical de sentimentos humanos.

A partir de 1538 quando vieram as primeiras levas de negros africanos, é que se nota a contribuição de maior importância dos negros, A Dança. Essas, às vezes, com nomes de

instrumento musical que servem de acompanhamento, outras ainda com nomes da cerimônia na qual são executadas exemplam o maracatu e a congada (ELLMERICH, 1964).

A dança tem hoje em dia usos nunca sonhados antes. Podendo ser usada até terapeuticamente. Segundo Faro (1986) hoje tudo pode ser considerado Dança.

É dança o que de bom se fez no passado, o que de bom se faz agora e o que de bom se fará no futuro, e será dança aquilo que contribuir efetivamente, aquilo que se somarem positivamente as experiências vividas por gerações de artistas que dedicaram suas existências ao plantio e cultivo de uma arte cujos frutos surgem, não apenas nos palcos, mas nas telas dos nossos cinemas e das nossas televisões, deixando de ser algo cultivado por uma pequena elite para se transformar num meio de entretenimento e até de saúde para todos, inclusive os mais populares (FARO, 1986, p.130).

Desde as sociedades mais antigas a dança vem sendo de suma importância, e nos dias de hoje não poderia ser diferente, sabendo que, a relação do ser humano com ela atinge o sensorial. Assim, sua variada forma de aplicação na sociedade, seja para divertimento ou de forma terapêutica, vem sendo cada vez mais relevante. Fazendo dos estudos nessa atividade um dos mais ricos programas para o desenvolvimento físico, sensorial, social e cultural do indivíduo.

## **2.2 Benefícios da dança**

Para Miranda (2011, p. 13) “a escola é o lugar onde se dá consistência aos sonhos, nossos e de nossos alunos, pois são os sonhos a argamassa das pontes que uma educação humana e humanizadora se propõe a construir!”. Isso nos remete a uma rápida reflexão sobre o ato de ensinar. Assim, seja em um ambiente escolar ou outro adaptado, quando existe uma capacitação do profissional, ensinar torna-se algo grandiosamente positivo.

A dança insere-se numa modalidade de fácil compreensão quando existe um engajamento do professor de Educação Física com o seu trato pedagógico. Ele pode, portanto, expandir os diversos benefícios que a modalidade oferece.

Através de Platão, relata-se que para Sócrates, a Dança daria proporções corretas ao corpo, seria fonte de boa saúde, além de ser ótima maneira de reflexão estética e filosófica, o

que a fez ganhar espaço na educação grega. O homem grego não separava o corpo do espírito e acreditava que o equilíbrio entre ambos que lhe trazia o conhecimento e a sabedoria.

A dança pode contribuir no desenvolvimento emocional e na estruturação da identidade do indivíduo, promovendo a formação do sujeito singular, com maneiras próprias de ser, sentir e agir. Este é um requisito básico para construção da autonomia e da liberdade, condições que, em última instância, fundamentam a proposta de promoção de saúde, de acordo com as diretrizes contidas na Carta de Ottawa (1986). Ela facilita o desenvolvimento da consciência corporal e das possibilidades de comunicação com o outro, de forma lúdica e prazerosa (GODOY *et al.*, 2005).

A dança também facilita a descoberta de limites e potencialidades individuais por meio de vivências corporais. Este processo impacta positivamente os relacionamentos interpessoais e o desenvolvimento do autoconceito e da autoestima (FALSARELLA; AMORIM, 2008). Além disso, segundo Costa (2008), ela pode ser um significativo instrumento da ação pedagógica, no sentido de estimular a concentração e sociabilidade, no resgate de valores culturais, no aprimoramento do senso estético e o prazer da atividade lúdica para o desenvolvimento físico, mental e social. No caso de crianças e adolescentes pode ser uma contribuição fundamental no seu processo de formação e desenvolvimento.

Um benefício específico da atividade dança, está no desenvolvimento pessoal, trazendo uma percepção de si mais positiva, maior valorização e segurança diante das situações do dia a dia (TRINCA, 1984).

A modalidade em debate, pode também atuar como um meio de inclusão. Essa na relação de respeito às limitações de cada um, possibilitou a descoberta de pontas até então desconhecidas, favorecendo que todos possam utilizar melhor suas capacidades. Isso se encaixa perfeitamente quando se inclui a Dança para crianças portadoras de Síndrome de Down. Elas, segundo Schwartzman (1999) apresentam limitações no desenvolvimento que podem ser superadas, desde que essa criança seja estimulada intensamente e que essa estimulação perdure até a fase adulta.

É eficiente praticar a dança para crianças portadoras de síndrome de Down, por ser uma excelente forma de estabelecer a saúde, aptidão física, autoconfiança, equilíbrio emocional, integração social, entre outros. Ela é percebida, em vários níveis simultâneos, por exemplo: pode ser uma potência altamente significativa de linguagem simbólica que utiliza (em termos de movimento, espaço e tempo) todas as faculdades do ser humano, tanto cognitivas, como físicas e afetivas, caracterizada pelo uso rítmico harmonioso, e isso se dá

pelo fato de ao dançar os músculos, os sentidos e a mente entram em atividade, combinando-se reciprocamente, comunicando pensamentos e emoções (OLIVEIRA, 2006).

A dança pode auxiliar em movimentos básicos para crianças como pular e saltitar, ou se colocados em formas mais competitivas, essa pode enriquecer muito a vida desses indivíduos, assim tornando suas habilidades corporais o meio mais valioso de competição.

Conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), as danças constituem-se de movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas às coreografias. Podem ser realizadas de forma individual, em duplas ou em grupos, desenvolvendo codificações particulares, historicamente e/ou culturalmente constituídas, que permitem identificar movimentos e ritmos musicais peculiares.

No âmbito educativo escolar, a dança é pedagógica e ensinada tanto quanto os esportes, jogos e brincadeiras. A dança é um meio de aprendizagem praticamente ilimitado, está ligada a estética e a plástica por ser processo performático, trabalha com sensações, sentimento. Seja ela clássica (balé), popular (dança de rua), folclórica (chula, fandango, forró...), a dança traz forte estímulo às percepções sensoriais, tendo em vista que ritmo, sonoridade, visão e expressão são capacidades levadas ao extremo nessa prática corpórea. (TEIXEIRA, 2008).

Então, a experiência com esse conteúdo da Educação física, irá ajudar na motivação do ser, e a explorar os sentidos das crianças. Essas poderão começar a explorar sua caminhada em se tornar adultos independentes, mais cedo. Dessa forma, terão acesso a possibilidade de um desenvolvimento psicomotor mais eficaz uma vez que suas sensações e estrutura física estarão em constante lapidação, entre tantos benefícios advindos da dança; é compreendida com cultura corporal, que possibilita o desenvolvimento integral do indivíduo.

### **3 PROCESSOS DIDÁTICOS METODOLÓGICOS NO INCENTIVO DA DANÇA PARA CRIANÇAS PORTADORAS DE SINDROME DE DOWN**

#### **3.1 Desafios do trabalho com a dança**

Apesar da dança fazer parte do nosso cotidiano, partindo do princípio de que muitos dos componentes que nos rodeiam tem sonoridade e podem gerar ritmo, inúmeras são as dificuldades em realmente trabalhá-la.



É comum a resistência por parte dos meninos em participar de aulas de dança, mantendo uma visão sexista de que a dança faz parte do universo feminino. Para eles essas aulas podem ser vistas como obrigação, no ambiente escolar. Já as meninas conseguem associar melhor a dança como atividade física, voltada à expressividade e de carácter prazeroso (SHIBUKAWA *et al.*, 2011).

Com relação às questões curriculares, destaca-se que a dança nem sempre esteve presente nos planejamentos anuais, ou muitas vezes é adaptada pelo professor como um conteúdo flexível, utilizado de forma esporádica e sem critérios rigorosos quanto aos seus objetivos de ensino. Há orientações metodológicas insuficientes para explicar “o que” e “como” tratar pedagogicamente o conteúdo de dança, dificultando o trabalho do professor que não conta com subsídios teórico-práticos para orientar, efetivamente sua ação docente (BUOGO; LARA, 2011).

O problema da formação inadequada do professor é considerado relevante nesse sentido, uma vez que a falta de uma construção de conhecimentos e técnicas didáticas no período acadêmico de formação continuada pode prejudicar o modo como ele desenvolve a dança em suas aulas (SOUSA; HUNGER; CARAMASHI, 2014).

Na realidade social brasileira, há uma quantidade grande de escolas, principalmente públicas, que não apresentam espaço físico adequado ou quantidade suficiente de materiais. Segundo Soler (2003), o espaço existente para as aulas de Educação Física, muitas vezes se resume a pátios e salas de aula. Essa má distribuição do espaço físico acontece logo na construção de uma unidade escolar, quando não está entre as prioridades à alocação de espaço próprio para as aulas de Educação Física (BATISTA, 2003). Estas observações podem ser complementadas com dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), os quais indicavam que, em 2006, das 159.016 escolas de Ensino Fundamental no Brasil (públicas e particulares), apenas 44.763 possuíam quadra poliesportiva (BRASIL, 2006), o que representava 28% do total, aproximadamente, no entanto, comparando com os indicadores de 1999, apresentados por Matos (2005), houve um crescimento no número de estabelecimentos de ensino que possuem quadras. Contudo, crescimento ainda é insuficiente.

De acordo com Bento (1998), a falta de estrutura física e material não pode justificar o trabalho pedagógico descompromissado, pois, mesmo em condições relativamente simples, é possível realizar boas aulas de Educação Física.

O professor é uma peça fundamental no trabalho de adequação e vivência. (MASUZAKI, 1995). Assim, trabalhar com crianças “especiais”, requer muita atenção,

dedicação e paciência. Então, o profissional de Educação Física deverá mediar o conhecimento, baseado no período diferente de desenvolvimento que essas crianças possuem, respeitando seus interesses, características e necessidades, podendo, assim, ampliar sua capacidade de aprendizagem através de estimulações sistematizadas e planejadas.

É através da estimulação que a criança ampliará sua aprendizagem. Dessa forma, esta deve ser sistematizada e planejada, na qual o profissional tem como tarefa principal “tratar” e “exigir” da criança com Síndrome de Down somente o que estiver dentro de suas possibilidades, escolhendo recursos facilitadores, para que ela possa sentir-se mais segura (BOMFIM, 1996).

### **3.2 Mecanismos facilitadores para o ensino da dança**

As aulas de dança, sejam para indivíduos portadores ou não de alguma limitação, apresentam uma vastidão de possibilidades quanto aos seus locais de atuação. Isso baseado no poder criativo dos profissionais que forem realmente preparados para ensinar o conteúdo em análise. Além disso, segundo Silva (1996), o ambiente deve ser rico em estímulos perceptivos, oferecer contato com cores, sons e texturas variáveis.

Coloca-se aqui a necessidade de se expandir o conceito de espaço durante as aulas de Educação Física, espaço este que passa a ser enxergado sob as dimensões dos elementos naturais constitutivos e sociais. Assim, é viável a possibilidade de se vivenciar situações práticas em ambientes diferenciados (parque, praça, praia, clube...) a fim de se estabelecer comparações com a realidade vivida no dia-a-dia (GALVÃO, 2001).

Brasileiro (2003) afirma que as aulas de dança podem ser observadas em diferentes espaços: academias, estúdios, clubes, escolas etc., e nesses o professor, que ora é bailarino/professor, ora coreógrafo/professor, é a grande referência a ser imitada, tendo no domínio da técnica e de habilidades a sua metodologia, inovadora.

No trabalho com a dança escolar, Nanni (1998) afirma ser preciso que o professor tenha conhecimento dos conteúdos a serem aplicados e também que tenha criatividade para abordá-los de diferentes maneiras, estímulos e estratégias.

Ao citar a necessidade do profissional de Educação Física ser criativo é devido ao fato de muitas vezes, os professores não possuírem espaços disponíveis para a aprendizagem de danças, ginásticas e esportes, porém, isso não exclui a possibilidade de se potencializar e adaptar os espaços existentes para esse fim. Pois, esperar pela situação ideal pode significar uma geração de alunos sem acesso ao potencial que lhes poderia ser oferecido.

Para o Coletivo de Autores (1992) quando conhecimentos precisam ser ensinados é necessário refletir sobre possíveis direcionamentos epistemológicos atrelados à organização dos conteúdos. A cultura corporal reúne uma grande quantidade de práticas que possuem conhecimentos amplos e diversificados, e dessa forma, selecionar e organizar conteúdos se trata de um complexo desafio. Dessa forma, o professor de Educação Física deve selecionar a temática sobre o conteúdo, com antecedência, para que assim, a aula flua com alto nível de qualidade.

Cunha (1992) salienta que, na dança, como no ensino de qualquer outro conteúdo da Educação Física, é importante, sobretudo, que o professor estabeleça os seus objetivos e que conheça as características psicofísicas de cada faixa etária, para que aconteça uma boa aula.

Ao se trabalhar com crianças portadoras de Down, precisa-se de um aprofundamento em relação aos conhecimentos, pois o seu desenvolvimento necessita de uma abordagem específica. Ferreira (1993) destaca que a Educação Física é considerada importante no desenvolvimento infantil, pois estimula a aquisição de habilidades motoras, cognitivas e afetivo-sociais. Os profissionais devem assumir plenamente seu papel como agente renovador e transformador.

Muito se fala sobre a importância do preparo dos professores de Educação Física, mas nesse trabalho os pais também devem atuar. Nesse aspecto, Miura (1999) ratifica a afirmação anterior, dizendo que eles devem fazer parte do planejamento, execução, aplicação e desenvolvimento do ensino.

A dança também pode ser aplicada para fins terapêuticos, facilitando a liberação das emoções que possam estar afligindo os alunos. Nisso, entram aspectos referentes aos medos, angústias, agressividades, tornando possível, o desenvolvimento de um melhor relacionamento do aluno consigo mesmo, com os demais colegas e com os outros que fazem parte de seu convívio (VARGAS, 2007). É aqui onde entra o planejamento do professor não só em relação ao planejamento das aulas, mas também, sobre as necessidades específicas de atenção de cada aluno que deverá ser incluído na aula. Isso tudo para evitar que aqueles portadores de alguma deficiência se sintam a margem, ou seja, na periferia da informação.

Rosadas (1996) evidencia que a Educação Física para a criança deficiente exige trabalho diferenciado, específico e intencionado, afim de que haja uma orientação dentro dos limites de capacidade dos educandos, objetivando obter rendimento capaz de levá-la a trabalhar com gosto nessa atividade que lhe é benéfica.

A realização de testes psicomotores em alunos no início e no final do ano é de extrema importância. Segundo Fonseca (1995), o ritmo de desenvolvimento varia de indivíduo para

indivíduo, isto é, cada um atinge a maturação neuromuscular em períodos diferentes. Dessa forma esses testes auxiliam o professor a conhecer seu aluno na programação de suas atividades e na verificação do desenvolvimento dos mesmos.

A partir dos cuidados com a estruturação do ambiente dessas aulas e com o conhecimento por parte do profissional, as aulas de dança para crianças com Down ganham níveis de eficácia verdadeiramente empolgantes. Portanto, utilizar materiais lúdicos, facilita para que elas ampliem de forma confortável e proveitosa o seu conhecimento. Então, quando o indivíduo está em um ambiente que lhe agrada e que é confortável, passa a se sentir mais seguro e age de forma mais natural, aumentando assim, o seu aprendizado, sua autonomia, sua saúde, bem estar e qualidade de vida.

### 3.3 Aproximação do tema em algumas pesquisas

Apresenta-se a seguir estudos que tratam sobre a dança, bem como a sua relação com as crianças portadoras da Síndrome de Down.

Para Oliveira (1985, p.74) a dança é:

(...) um recurso metodológico capaz de propiciar uma aprendizagem espontânea e natural. Estimula à crítica, a criatividade, a sociabilização, sendo, portanto, reconhecido como uma das atividades mais significativas – senão a mais significativa – pelo seu conteúdo pedagógico social.

Porém, de acordo com o Coletivo de Autores (1992), dança é considerada um dos conteúdos da Educação Física.

Apresenta-se a seguir um quadro síntese de alguns estudos voltados para a dança e também sobre a dança e sua relação com a Síndrome de Down.

Quadro 1: Quadro 1: Artigos encontrados sobre a Dança e, ainda, acerca da dança e a relação com a Síndrome de Down.

<b>ANO</b>	<b>AUTORES</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>METODOLOGIA</b>
<b>2001</b>	Marcia Abrantes Ornelas Celso Souza	A Contribuição do profissional de Educação Física na estimulação	Verificar qual a contribuição do profissional de	Estudo descritivo de natureza qualitativa e quantitativa

		essencial em crianças com Síndrome de Down	educação física na estimulação essencial em crianças com SD.	
<b>2008</b>	Aline Vidal Maia Sérgio Ricardo Boff	A influência da Dança no desenvolvimento da coordenação motora em crianças com Síndrome de Down	Verificar o auxílio oferecido pela dança nos índices de coordenação motora de crianças com SD.	Estudo descritivo de natureza qualitativa e quantitativa
<b>2010</b>	Shirlei Aparecida Ferreira Wilza Vieira Villela Rosalina Carvalho	Dança na Escola: uma contribuição para a promoção de saúde de crianças e adolescentes	Realizar atividades de dança na escola, visando contribuir com o reforço da sua autoestima e do seu autoconceito.	Estudo descritivo de natureza qualitativa e quantitativa
<b>2012</b>	Nathalia Vasconcelos da Silveira Bohm Adriana Marques Toigo	A dança nas aulas de educação física: a visão de alunos e professores das 5º e 6º séries uma escola municipal de Canoas, RS	Verificar o estado da arte da dança como conteúdo das aulas de educação física em turmas dos 5º e 6º anos em uma escola municipal de ensino.	Estudo descritivo de natureza qualitativa e quantitativa
<b>2013</b>	Thays Naig Diniz	História da Dança - Sempre	Verificar a dança no processo histórico, construindo um material rico em conhecimento, voltando olhares	Estudo descritivo de natureza qualitativa

			para seu status atual.	
<b>2013</b>	Barbara Muglia Rodrigues Walter Roberto Correia	Produção acadêmica sobre dança nos periódicos nacionais de educação física	Identificar e analisar a produção do conhecimento relativo ao fenômeno dança no contexto dos periódicos nacionais de educação física.	Revisão Sistemática
<b>2013</b>	Buna Felix Apolini; Flávia Evelin Bandeira Lima e José Luiz Lopes Vieira	Efetividade de um programa de intervenção com exercícios físicos em cama elástica no controle postural de crianças com SD	Avaliar a efetividade de um programa de intervenção com exercícios físicos em cama elástica no controle postural de crianças com Síndrome de Down.	Experimental
<b>2013</b>	Jussara Miller	O corpo presente uma experiência sobre dança- educação	Analisar as experiências da relação Dança- Educação em sala de aula.	Estudo descritivo de natureza qualitativa
<b>2014</b>	Ediney Linhares da Silva	A inclusão social de jovens em projetos sociais relacionados à dança: uma breve revisão	Identificar, com base na visão de jovens, se os projetos sociais podem promover sua inclusão social por intermédio da	Pesquisa exploratória

			dança.	
<b>2015</b>	Livia Martinez Veras; Ana Cristina Tilmann; Nicolle Martins Reis e Adriana Coutinho de Azevedo	Dança: resgate e vivências na educação física escolar	Analisar artigos referentes à dança no todo da educação física escolar.	Revisão sistemática de trabalhos científicos
<b>2015</b>	Irla Karla dos Santos Diniz e Suraya Cristina Darido	Análise do conteúdo dança nas propostas curriculares estaduais de educação física do Brasil	Analisar como o conteúdo da dança é tratado nas PCEs de educação física no ensino fundamental procurando delinear como o conteúdo é abordado nesses documentos.	Pesquisa de análise documental
<b>2016</b>	Fernando Madruga Sigrid Nora	Dançando na escola: o projeto oficina de dança livre e a percepção dos professores em relação ao processo de ensino-aprendizagem	Avaliar a percepção dos professores das séries iniciais do ensino formal de uma escola pública de Caxias do Sul, quanto ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.	Pesquisa qualitativa

<b>2017</b>	Alane Jaine Strada Darlise Cristina Carraro	A construção da prática pedagógica do professor de dança nas aulas de educação física	Identificar os fatores que influenciam a prática pedagógica do professor de educação física no desenvolvimento da dança na escola.	Pesquisa bibliográfica
<b>2017</b>	Barbara dos Anjos Magalhães Rute Estanislava Tolocka	A Pedagogia e a Educação Física como aliadas na inclusão de crianças com Síndrome de Down no ensino regular	Analisar a bibliografia existente sobre inclusão no ensino regular de pessoas com Síndrome de Down e o trabalho de pedagogos e professores de Educação Física.	Pesquisa bibliográfica
<b>2017</b>	Ariana Aparecida Nascimento dos Santos Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho Tatiane da Silva Pires	Dança e desenvolvimento da memória de crianças com Síndrome de Down	Evidenciar a construção de metodologias de ensino diferenciadas, a partir de objetos culturais.	Pesquisa de intervenção
<b>2018</b>	Katia Leikononaka	Percepção de professores sobre a inclusão no ensino regular de alunos com Síndrome de Down	Investigar a percepção de professores sobre a inclusão no ensino regular de alunos com Síndrome de	Estudo descritivo de natureza qualitativa



			Down	
<b>2018</b>	Sara Filipa Pacheco Adriana de Faria Gehres Ana Rita Lorenzini Livia Tenório Brasileiro	Dança no desporto escolar: Estudo de caso sobre a inclusão de estudantes com trissomia 21	Compreender a inclusão de estudantes com Trissomia 21 no Desporto Escolar – Dança do Distrito de Viseu – Portuga	Estudo de caso

A partir dos artigos selecionados sobre a temática, dois irão ser expostos, neste trabalho, de forma mais direta. Essa escolha foi devido ao fato deles apresentarem dados pertinentes a serem aqui acrescentados. Pois, ambos relatam os resultados obtidos sobre pesquisas referentes a exploração do conteúdo dança, de forma a potencializar os benefícios que ela pode trazer as crianças portadoras da Síndrome de Down.

O artigo científico: “DANÇANDO NA ESCOLA: O PROJETO OFICINA “DE DANÇA LIVRE E A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM” apresenta vários benefícios da dança. Neste estudo, a dança é uma atividade complementar e optativa que acontece desde 2013 com alunos de uma escola da rede pública de Caxias do Sul. A prática da dança é realizada no contra turno do horário de desenvolvimento dos conteúdos da grade curricular do ensino formal. O projeto é direcionado a alunos na faixa etária dos 7 aos 14 anos de idade, cuja organização das aulas é dividida em turmas distribuídas pela manhã e à tarde, dispostas da seguinte forma: nas turmas da manhã, uma delas é constituída de alunos do ensino fundamental I e a outra de alunos das turmas do ensino fundamental II. A mesma distribuição é feita no turno da tarde. Os gêneros de dança praticados são as Danças Urbanas, Dança Contemporânea, Vídeo Dance, Dança Pop, House Dance e Afro-brasileira. É importante sublinhar que esses gêneros são utilizados apenas em seus fundamentos básicos, não tendo como meta formar bailarinos e tão pouco treinar objetivando o virtuosismo ou o desempenho técnico; eles têm, sim, o intuito de ampliar o repertório motor, consciência corporal e espacial, ritmo, expressão/comunicação do corpo e capacidade cognitiva. Essa experiência apresentou

como resultado que consegue – se manter há anos e vem melhorando a qualidade de vida de crianças carentes.

O artigo científico: “A INFLUÊNCIA DA DANÇA NO DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO MOTORA EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN” realizou uma pesquisa com vinte crianças portadoras de síndrome de Down de ambos os sexos, com idades entre dois a seis anos, formando dois grupos com dez crianças cada um, sendo um grupo com crianças que praticam a dança e outro com crianças que não praticam. Em que o nível de coordenação motora foi avaliado pelo teste de dança: Atividades de Movimentos Criativos do Projeto Spectrum de Barrow & McGreen. Após a realização dos testes os grupos foram comparados.

Um dos grupos com dez crianças (três meninos e sete meninas) que tenham a dança como forma terapêutica a pelo menos um ano, outro grupo formado por dez crianças (três meninos e sete meninas) que não utilizem a dança como forma de tratamento. Para esta avaliação foi aplicado o Projeto Spectrum, SPFI, procedimentos de escores para movimentos criativos, 1989 (BARROW, 2003).

O procedimento envolve a avaliação em seis componentes: sensibilidade rítmica, controle corporal, dinâmica de movimentos, uso do espaço, ideias geradas de movimentos e responsividade à música. O avaliador confere pontos a cada criança, em cada componente avaliado, um resultado 1 (baixo desempenho na habilidade), 2 (médio desempenho na habilidade) ou 3 (alto desempenho na habilidade) é assinalado em cada componente. Com esse estudo, viu-se que as hipóteses elaboradas foram confirmadas, pois a prática da dança em crianças portadoras de Síndrome de Down realmente ofereceu índices melhores de desenvolvimento motor.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como visto neste estudo, o campo da Dança traz muitas oportunidades para as crianças portadoras, ou não, da Síndrome de Down. Elas podem vivenciar experiências e sensações, que as deixam mais livres para explorar o ambiente de forma lúdica. Assim, tem suas trajetórias em tornarem-se adultos mais independentes e autônomos, além de melhorias expressivas em sua saúde e qualidade de vida.

A criança desenvolve o uso do seu próprio corpo. Elas aprimoram as barreiras que tem quanto a equilibrar-se podem superar as dificuldades em conviver socialmente. Tudo isso com o apoio dos professores de Educação Física nas aulas e dos pais/familiares que atuam ajudando

no incentivo para que as crianças não desistam das aulas e reconheçam as melhorias que favorecerão à sua vida e a vida em sociedade. Além disso, atrelar a família ao trabalho dos profissionais aumenta a segurança no aluno, facilitando seu aprendizado, sendo perceptível sua evolução.

Observando os estudos que fundamentam a presente discussão, percebeu-se a grande carência de publicações acerca da pedagogia da dança para crianças portadoras de Síndrome de Down. Sabendo que, a dança é muito importante para o desenvolvimento delas e tem como prioridade desenvolver métodos de ensino eficientes para o aluno e, assim, conquistar habilidades que integrem lazer; benefícios à saúde e bem estar individual e coletivo.

Com relação ao desempenho motor delas, pôde-se ver com a experiência pesquisada, que sua evolução vem sendo cada vez maior de acordo com o tempo, estrutura e qualidade das aulas, onde, os cuidados serão eficientes, tanto pelo fato de serem minuciosos, quanto por terem uma atenção ainda maior, devido se tratar de uma atividade que une crianças sem nenhuma deficiência, mas também crianças que precisam de maior atenção por possuírem um retardo em seu desenvolvimento.

O desenvolvimento afetivo, cognitivo e social está articulado com a evolução da dança, tratada de forma mediada, orientada, com metodologias críticas, desafiadoras, que tragam uma aprendizagem significativa para as crianças. Sabendo que ela é um dos conteúdos mais completos para a vida saudável e pode ser praticado em todas as faixas etárias, no entanto, é importante uma orientação desde a infância, para não perder o prazer por esta atividade ao longo da vida. O professor será extremamente importante nesse processo, encorajando o aluno respeitando seu desenvolvimento quanto aos limites de cada um deles e reconhecendo suas potencialidades.

A conclusão que se chega é que os métodos de ensino e cuidados com essas crianças serão de grande importância para o seu desenvolvimento humano, e o professor deve estar devidamente capacitado para realizar atividades lúdicas com materiais apropriados para aulas que respeitem a individualidade de cada um, mas também, que qualifique substancialmente a vida adulta dos indivíduos praticantes. Além disso, é válido ressaltar que o foco das aulas não é formar especialistas na prática da dança, mas sim, pessoas que reconheçam o quão saudável e manter essa prática como cultura corporal e como forma de linguagem.

## THE DANCE AND THE KIDS WITH DOWN SYNDROME: A BIBLIOGRAPHIC STUDY

### ABSTRACT

The guiding questions of this study were: How are dance classes developed for children with Down Syndrome? What didactic procedures and materials used in these classes and how can they strengthen their social inclusion? How can dance lessons contribute to meaningful learning? In this sense, a bibliographic study was carried out in order to identify and analyze the academic production that deals with the pedagogical process of teaching dance to children with Down Syndrome. It was concluded that teaching and care methods for children with Down Syndrome during dance classes will be of great importance for their human, social and cognitive development, in addition, the teacher must be properly trained to plan and to carry out pedagogical interventions, mediated based on the characteristics, limits and potentialities of Down Syndrome patients.

**Keywords:** Physical Education. Dance. Down's Syndrome.

### REFERÊNCIAS

BARRETO, D. **Dança... Ensino, sentidos e possibilidades na escola.** Campinas: Autores Associados, 2004.

BOFF, Sérgio Ricardo; MAIA, Aline Vidal. **A Influência da dança no desenvolvimento da coordenação motora em crianças com Síndrome de Down.** Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas. 6, ed. Especial, 144-154, Julho/2008.

BRASIL – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Brasília: MEC/SEF, 1997.96p.

BRASILEIRO, L. T. **O Conteúdo “Dança” em aulas de educação Física:** temos o que ensinar? Pensar a Prática, Goiânia, v. 6, p. 45-58, jul./jun. 2002-2003.

BRASILEIRO, Livia Brasileiro. **O conteúdo “dança em aulas de Educação Física:** temos o que ensinar?”. Revista pensar a prática. 6: 45-48, Julho/Junho 2002-2003.

CAMPEIZ, E. C. F. S. Ensino de Dança: Música e experiência do “Fluxo”. Rio Claro, 2003. 125f. Dissertação – (Mestrado em Ciências da Motricidade), Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista/UNESP.

CARVALHO, Aparecida Ferreira; VILLELA, Wilza Vieira; CARVALHO, Rosalina. **Dança na Escola:** uma contribuição para a promoção de saúde de crianças e adolescentes. 2010. 60f. Universidade de Franca, Franca, 2010.

CARRARO, Darlise Cristina; STRADA, Alane Jaine. **A construção da prática pedagógica do professor de dança nas aulas de Educação Física.** Faculdades IDEAU, Uruguai, 2018.

CORREIA, Walter Roberto; RODRIGUES, Barbara Muglia. **Produção acadêmica sobre dança nos periódicos nacionais de Educação Física.** Revista Brasileira Educação Física Esporte, São Paulo. 20, ed. Especial,793-796, Agosto/2012.

DARIDO, Suraya Cristina; DINIZ, Irla Karla. **Análise do conteúdo dança nas propostas curriculares estaduais de educação física do Brasil.** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 2015.

DINIZ, Thays Naig. **História da Dança.** 2013. 12f. Educação Física Licenciatura – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

EHRENBERG, M. C. **A Dança como conhecimento a ser tratado pela Educação Física escolar:** aproximações entre formação e atuação profissional, Campinas, 2003. 130f.

ELLMERICH, Luis. **História da Dança.** 3. ed. São Paulo: Ricord, 1964.

HUNGER, Dagmar Aparecida; PEREIRA, Mariana Lolato. **Limites do ensino de dança na formação do professor de Educação Física.** Revista Motriz, Rio Claro, v. 15, n. 4 p. 768-780, out./dez. 2009.

JESUS, G. B. **As atividades rítmicas e a educação física escolar:** possibilidades de um trato em outro ritmo. Dissertação – (Mestrado em Ciências da Motricidade), Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

KUNZ, M. C. S. Ensinando a dança através da improvisação. **Motrivivencia.** Florianópolis, ano V, n. 5-7, p. 166-169, dez/1994.

MILLER, Jussara. **O Corpo presente uma experiência sobre dança-educação.** UNICAMP, 2013.

MIRANDA, M. L. J. A dança como conteúdo específico nos cursos de educação física e coo área de estudo no ensino superior. **Revista Paulista de Educação Física,** São Paulo, v. 8, n. 2, p. 3-14, jul./dez. 1994.

NORA, Sigrid; MADRUGA, Fernando. **Dançando na escola:** O projeto oficina de dança livre e a percepção dos professores em relação ao processo de ensino-aprendizagem. Revista Ciências e Artes, Caxias do Sul. 6,1, Agosto/2016.

PEREIRA, M. L. **A Formação Acadêmica do Professor de Educação Física:** em questão o conteúdo da dança. Rio Claro, 2007. 187f. Dissertação – (Mestrado em Ciências da Motricidade), Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista.

PERES, Aline Thomazelli; RIBEIRO, Deiva Mara; JUNIOR, Joaquim Martins. **A dança escolar de 1ª a 4ª série na visão dos professores de Educação Física das escolas estaduais de Maringá.** Revista da Educação Física/UEM. 12,1, 19-21, Setembro/2001.

PERNAMBUCO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Orientações teórico-metodológicas:** ensino fundamental, educação física. Recife, 2008.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular:** um novo formato: educação física. Rio de Janeiro, 2010.

SAAD, Suad Nader. **Preparando o caminho da inclusão:** Dissolvendo mitos e preconceitos em relação à pessoa com Síndrome de Down. Revista Brasileira Educação Especial/Marília. 9,1, 57-78, Janeiro-Junho/2003.

SILVA, Ediney Linhares. **A inclusão social de jovens em projetos sociais relacionados à dança:** uma breve revisão. Faculdade Terra Nordeste/FATENE de Caucaia, Ceará, 2014.

SOARES, A. S.; SARAIVA, M. C. Fundamentos teórico-metodológicos para a dança na Educação Física. **Motrivivencia.** Florianópolis, ano XI, n. 13, p. 103-118, nov./1999.

SOUZA, C.; ORNELAS, M. A.; **A Contribuição do profissional de Educação Física na estimulação essencial em crianças com Síndrome de Down.** Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, 2001.

TAVARES, Isis Moura. **Educação, corpo e arte.** Curitiba: IESDE, 2005.

TOIGO, Adriana Marques; BOHM, Natália Vasconcelos. **A Dança nas aulas de Educação Física:** a visão de alunos e professores das 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries de uma escola municipal de Canoas, RS. Revista CIPPUS – UNILASALLE. 1,2, Novembro/2012.

VERAS, Livia Martinez; TILLMANN, Ana; REIS, Nycolle Martins; GUIMARÃES, Adriana Coutinho. **Dança: resgate e vivencias na Educação Física escolar.** Revista do departamento de Educação Física e saúde e do mestrado em promoção da saúde da universidade de santa cruz do sul. Cinergis, 16,1, 01-06, Janeiro/Março 2015.

VIEIRA, José Luiz; LIMA, Flávia Evelin; APOLONI, Bruna Felix. **Efetividade de um programa de intervenção com exercícios físicos em cama elástica no controle postural de crianças com Síndrome de Down.** Revista Brasileira Educação Física Esporte, São Paulo. 20, ed. Especial, 152-163, Junho/2013.

VIANNA, Klauss. **A dança.** 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. 4.ed. Curitiba: Criar, 2006.